

# UM

ELES SEMPRE GRITAVAM.

Meu alvo gemeu enquanto escorregava na lama, virando a cabeça para ver se eu a estava alcançando.

Eu estava.

Seus pés bateram no piso, e ela partiu em disparada. Meus pés roçaram o chão na perseguição, minhas pernas curtas vencendo sua tentativa desesperada de correr.

Puxei seu braço. Ela caiu no chão. O som que escapou de sua boca era mais animal do que humano enquanto ela tentava desesperadamente se levantar.

Eu odiava aqueles gritos.

Puxei dois pares de algemas do meu cinto e os coloquei em seus pulsos e pés.

— Não, não, não, não — engasgou ela, ao mes o tempo que eu prendia a correia às algemas — Não fui eu.

Enrolei a correia na minha mão e ignorei os protestos dela; a coloquei-a de pé e arrastei-a pela rua, passando pelos barracos de madeira caindo aos pedaços.

— Não fui eu! Eu não matei ninguém!

Seus movimentos se tornaram selvagens, quase convulsivos, e eu me virei para encará-la.

— Ainda há algo de humano em você, não é? — perguntou ela, esticando o pescoço para ver o número acima do código de barras no meu pulso.

Ela congelou. Seus olhos correram do 178 impresso na minha pele para o meu rosto, e ela soltou outro guincho.

Não. Não havia mais nada de humano em mim.

Os gritos continuavam enquanto eu a guiava até a aeronave e a jogava lá dentro com os outros membros de sua gangue. As barras de metal se fecharam com estrondo assim que eu me afastei, mas ela não tentou fugir. Mergulhou entre dois humanos ensanguentados no fundo.

Longe de mim.

Eu me virei, os olhos percorrendo a favela. A estrada de terra deserta se estendia diante de mim com barracos mal construídos. Um deles estava tão torto para a esquerda que pensei que poderia tombar ao menor sopro de vento.

— Wren 178 — falei, ajustando a câmera do capacete para apontar direto para a frente. — Alvo preso.

— Dê assistência a Tom 45 — ordenou uma voz do outro lado do comunicador. — Em perseguição na rua Dallas, esquina com a Main Street.

Saí pela estrada de terra e entrei em um beco; o fedor de lixo podre pairando no ar úmido está tão espesso que eu queria afastá-lo do meu rosto a pauladas. Respirei fundo e segurei o ar nos meus pulmões, tentando bloquear o cheiro da favela.

O 45 passou zunindo pelo beco na rua pavimentada à minha frente, suas calças pretas rasgadas batendo nas pernas magras. Ele deixou um rastro líquido que eu presumi ser sangue.

Disparei pela rua e passei correndo por ele; o som das minhas botas fez o humano à nossa frente se virar. Ele não gritou.

Ainda.

Tropeçou no piso irregular, e uma faca caiu de sua mão e escorregou pelo asfalto. Eu estava perto o bastante para ouvir o pavor em sua respiração quando ele se jogou para pegá-la. Estiquei o braço para alcançá-lo, mas ele ficou de pé em um pulo, virando e cortando minha barriga com a lâmina.

Pulei para trás com o sangue escorrendo do meu corpo. Os lábios do humano se contorceram em um sorriso, como se ele tivesse saído vitorioso.

Resisti ao impulso de revirar os olhos.

Tom 45 se jogou em cima do humano parrudo, levando os dois ao chão. Eu não havia treinado o 45, e isso era óbvio. Descuidado e impulsivo, ele era apenas um pouco mais rápido do que o humano.

Antes que eu pudesse interceder, o Parrudo agarrou o pescoço do 45, tirou o capacete dele com um tapa e enfiou a faca na testa do garoto. Eu me retraí quando o 45 murmurou, seus olhos dourados e brilhantes vazios enquanto ele caía no chão.

O humano levantou-se rapidamente, dando pulos e gritos de comemoração.

– É! Mostre do que é capaz, lourinha.

Ajuntei meu comunicador, ignorando a tentativa irritante do humano de que eu mordesse a isca.

— Wren 178. O 45 foi pego.

O sorriso do Parrudo sumiu do rosto ao ouvir meu número.

— Continue. — A voz que vinha do comunicador era inexpressiva, desinteressada.

Encarei o Parrudo. Eu queria que ele corresse, queria chutar suas pernas e esmagar na poeira aquele olhar triunfante.

Dei uma olhada rápida no 45.

Eu queria que doesse.

O Parrudo girou e correu, impulsionando os braços flácidos o mais rápido que conseguia. Contive um sorriso enquanto o observava ir. Deixaria que ele tivesse uma pequena vantagem.

A caçada era a minha parte favorita.

Pulei por cima do corpo do 45, e o humano olhava para trás conforme eu me aproximava. Agarrei sua camisa, e ele tropeçou com um gemido, seu rosto batendo no chão. Arranhou desesperadamente o cascalho, mas era tarde demais. Enfiei o pé nas costas dele e puxei as algemas. Prendi-o pelos tornozelos.

Ele gritou, é claro.

— Wren 178. O alvo do 45 foi pego.

— Apresente-se na aeronave — disse a voz no meu ouvido.

Enrolei uma correia nos pulsos do Parrudo, apertando-a até ele ganir de dor, e o arrastei até o corpo de Tom 45. Ele era um garoto, tinha uns 14 anos, recém-saído do treinamento. Evitei seus olhos vazios ao passar a correia nos pulsos dele.

Arrastei os dois pelos tristes barracos da favela e de volta para a aeronave. O sangue coagulava na minha barriga à medida que meu ferimento cicatrizava. Joguei o Parrudo na caixa preta com os outros humanos, que se encolheram só de olhar para mim.

Dirigi-me a outra aeronave, parando para tirar a faca da cabeça de Tom 45. A porta se abriu, e os Reboots me fitaram de seus assentos por um instante para logo desviar o olhar para o 45.

Afastei a voz que me perturbava dizendo que eu deveria ter sido capaz de salvá-lo e coloquei-o cuidadosamente no chão. Dei uma olhada rápida na aeronave e encontrei minha mais nova estagiária, Marie 135, afivelada ao assento. Eu a examinei, procurando sinais de lesões, mas não vi nenhuma. Ela havia sobrevivido à sua primeira missão solo. Não que eu esperasse outra coisa.

Seus olhos foram de mim para o 45 e de volta para mim. Ela havia ficado calada durante a maior parte do treinamento, portanto, eu não a conhecia mais do que em seu primeiro dia como novata, mas achei que a expressão em seu rosto era de gratidão. Meus alunos tinham a melhor taxa de sobrevivência.

Entreguei a faca para o oficial da aeronave, que me lançou um olhar solidário. Leb era o único oficial que eu conseguia tolerar. O único humano que eu conseguia tolerar, na verdade.

Tomei um dos pequenos assentos enfileirados da nave preta e sem janelas, puxando o cinto de segurança para baixo do peito ao me recostar. Olhei de soslaio para os outros Reboots, mas todos fitavam o 45 com tristeza. Uma até enxugou lágrimas do rosto, espalhando sangue e terra pela bochecha.

Os números mais baixos quase sempre choravam. O 45 provavelmente teria chorado. Ele só ficou morto por 45 minutos antes de ressuscitar. Quanto menos tempo se ficasse morto antes de voltar como um Reboot, mais humanidade ficava retida.

Eu fiquei morta por 178 minutos.

Não chorei.

Leb andou até a frente da aeronave e agarrou a beira da porta aberta enquanto olhava para dentro.

— Pronto — disse para o piloto.

Ele puxou a porta para fechá-la, e ouvi o trinco entrando no lugar. Nós decolamos quando Leb se acomodou no assento.

Fechei os olhos até sentir a aeronave aterrissar com um solavanco. Os Reboots se enfileiraram silenciosamente para subir no terraço, e resisti ao impulso de olhar mais uma vez para o 45 quando entrei no fim da fila.

Eu me juntei a eles e tirei minha blusa preta de mangas compridas, revelando uma camiseta branca fina. O ar frio me fez cócegas quando joguei a blusa por cima do ombro, abri as pernas e estendi os braços como se fosse voar.

Vi um Reboot voar uma vez. Ele pulou do alto de um prédio de 15 andares com os braços abertos, bateu no chão e tentou arrastar o corpo quebrado para a liberdade. Avançou talvez meio metro antes de lhe meterem um tiro na cabeça.

Um guarda, um humano que cheirava a suor e fumaça, me revistou rapidamente. Ele mal conseguia disfarçar a careta, e eu me virei para olhar os prédios atarracados da favela. Os guardas odiavam tocar em mim. Acho que tiravam na sorte.

Ele balançou a cabeça em direção à porta, enxugando as mãos nas calças como se pudesse lavar a morte.

Não. Eu tentei.

Um guarda segurou a porta aberta para mim, e entrei. Os andares mais altos da instalação eram ocupados por escritórios, e eu descí vários lances de escadas no escuro até chegar ao oitavo andar: o alojamento dos Reboots. Os dois andares

inferiores também podiam ser acessados regularmente, mas os abaixo destes eram em sua maioria laboratórios de pesquisa médica que eu quase não visitava. Eles gostavam de nos examinar de vez em quando, mas usavam o espaço principalmente para estudar doenças humanas. Reboots não ficam doentes.

Mostrei meu código de barras para o guarda na porta. Ele o escaneou e assentiu. Minhas botas faziam pouco barulho no chão de concreto enquanto eu passava pelo corredor. Todas as garotas na minha ala estavam dormindo ou fingindo dormir. Eu podia ver dentro dos quartos através das paredes de vidro. Privacidade era um direito dos humanos, não dos Reboots. Duas garotas por quarto, uma em cada cama encostada na parede. Havia uma cômoda na beira das camas e um guarda-roupa comum no fundo do quarto. Era isso o que nós chamávamos de lar.

Parei na frente do meu alojamento e esperei que o guarda desse a ordem a alguém no andar de cima para abrir porta. Só os humanos podiam abrir as portas depois que eram trancadas à noite.

A porta deslizou para o lado, e Ever rolou na cama quando entrei. Ela não vinha dormindo muito nas últimas semanas. Parecia estar sempre acordada quando eu voltava depois de uma tarefa.

Seus olhos grandes e verdes de Reboot brilharam na escuridão, e ela ergueu as sobrancelhas, perguntando baixinho como fora a missão. Falar depois do toque de recolher era proibido.

Ergui quatro dedos de uma das mãos e cinco da outra, e ela soltou um pequeno suspiro. Seu rosto se fechou com

uma emoção que eu não conseguia mais provocar em mim mesma, e me virei de costas para afrouxar a correia do capacete. Coloquei-o em cima da cômoda com minha câmera e meu comunicador e me despi. Vesti depressa um moletom — eu estava com frio, sempre com frio — e fui para minha cama minúscula.

O lindo rosto da Ever 56 ainda estava contorcido de tristeza, e eu rolei para ficar de frente para a parede, desconfortável. Éramos colegas de quarto havia quatro anos, desde que tínhamos 13, mas nunca me acostumei com a forma como as emoções humanas transbordavam dela.

Fechei os olhos, mas os gritos humanos pulsavam na minha cabeça.

Eu odiava os gritos. Os gritos deles eram os meus. A primeira coisa que me lembrei depois de acordar como um Reboot foi do berro estridente e perturbador zumbindo nos meus ouvidos. *Quem é o idiota que está fazendo esse barulho?*, eu havia pensado.

Era eu. Eu, berrando como um viciado em crack que não se drogava havia dois dias.

Um tanto constrangedor. Sempre me orgulhei de ser aquela que resiste calada a todas as situações. A que agia calmamente cada vez que os adultos surtavam.

Mas, aos 12 anos, quando acordei na Sala dos Mortos do hospital, 178 minutos depois de levar três tiros no peito, eu gritei.

Gritei quando eles me marcaram no pulso com meu código de barras, meu número e meu nome humano, Wren Connolly. Gritei enquanto me trancavam em uma cela, me escoltaram

até a aeronave e me colocavam na fila com as outras crianças recém-renascidas. Gritei até chegar às instalações da Corporação de Repovoamento e Avanço Humano, ou CRAH. Lá, eles me disseram que gritar significava morte. Agir como se eu ainda fosse uma criança humana significava morte. Desobedecer ordens significava a morte.

E então eu fiquei em silêncio.